

Aproximação com a esquerda é remota

FRANCISCO LUIZ NOEL.

O aceno ao diálogo feito ao senador pernambucano Roberto Freire, presidente nacional do PPS, tem tudo para não sair do terreno das intenções do presidente Fernando Henrique Cardoso de ter setores da esquerda mais próximos do governo. Cientistas políticos atentos aos movimentos de Fernando Henrique desde o primeiro mandato consideram remota a aproximação, sugerida pelo sociólogo francês Alain Touraine em 1998 e ensaiada mais de uma vez pelo presidente.

"Houve um aceno, mas não ocorreu maior empenho por parte de Fernando Henrique", afirma o cientista Fábio Wanderley Reis, do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), lembrando o en-

contro do presidente com Lula. Embora considere que "uma abertura à esquerda, com a recuperação de temas sociais, faria bem à imagem do governo", Reis não alimenta expectativas. E aponta empecilhos como a aliança do PSDB com o PFL e o ideário neoliberal do governo.

Social – Outro que não acredita em aproximação do presidente com a esquerda é Charles Pessanha, do Departamento de Ciência Política da UFRJ. "A moeda que estaria em jogo é a questão social, que não é um tema hierarquicamente privilegiado pela coalização no governo. A prioridade foi a reforma do Estado e a mudança da política econômica", assinala. "O presidente, desde quando arquitetou a aliança que o levou ao poder, excluiu a esquerda", acrescenta, para sublinhar que Fernando Hen-

rique preferiu apostar na governabilidade com o PFL.

Para Fábio Wanderley Reis, um dos fatores que mantêm a esquerda longe do governo é a adesão do presidente às teses de internacionalização da economia. "O governo Fernando Henrique se acomodou muito prontamente às imposições da dinâmica da globalização", critica. O cientista da UFMG recorda que, desde o primeiro mandato, a esquerda é associada ao atraso por Fernando Henrique. "O governo estava imbuído de uma ideologia da modernização. Por essa concepção, a esquerda é atrasada. O presidente disse isso várias vezes".

Charles Pessanha considera que a tendência do presidente é terminar o mandato com a coalização que o elegeu em 1994 e em 98, embora aponte como novidade a

emergência de focos nacionalistas no governo. "Isso significa que pode haver uma política de apoio aos setores nacionais da economia", diz. Mesmo que essa política não atenda diretamente às reivindicações sociais, ele prevê, ela poderia ter a simpatia de setores da esquerda mais inclinados ao centro.

O cientista político Leôncio Martins Rodrigues, do Departamento de Ciência Política da Universidade de Campinas (Unicamp), avalia que os limites políticos traçados por Fernando Henrique só lhe permitiriam atrair o PPS e setores do PSB. Temas como a reforma do Estado, destaca, continuam sendo tabus para partidos como o PT. "A preocupação social pode abrir uma porta para a esquerda, mas o caminho fica bloqueado pela política econômica", resume.